

VERDADE COMO PROBLEMA ÉTICO: PAUL RICOEUR PELA OBRA HISTÓRIA, VERDADE E ÉTICA

Rodrigo dos Santos⁷⁸

RESUMO: A tese da obra *História, Verdade e Ética* pauta-se em afirmar que a verdade em História é um problema ético do historiador. Esta premissa é apontada a partir dos escritos de Paul Ricoeur. Com base nesta obra, que comenta o saber ricoeuriano, este texto objetiva apontar elementos para a compreensão do pensamento de Paul Ricoeur. Entre os elementos encontram-se a narrativa histórica, a objetividade e a subjetividade, a teoria do texto e da ação, a memória. Demonstra-se, ainda neste, um modesto diálogo das ideias de Paul Ricoeur com as ideias de Antoine Prost. Pretendeu-se assim, apontar os elementos do pensamento de Ricoeur e ainda corroborar a tese da ética, pautado pelas escolhas do historiador na escrita da história.

PALAVRAS-CHAVE: Ética. Memória. Moral. Narrativa. Subjetividade.

TRUTH AS ETHICAL PROBLEM: PAUL RICOEUR BY WORK HISTORY, TRUTH AND ETHICS

ABSTRACT: The thesis of the research "History, Truth and ethics" agenda in asserting that truth in history is an ethical problem of the historian. This premise is pointed from the writings of Paul Ricoeur. Based on this work, which comments the ricoeuriano know, this text aims to point elements for understanding the thought of Paul Ricoeur. Among the elements are the historical narrative, objectivity and subjectivity, the theory of the text and action the memory. It is demonstrated, even in this, a modest dialogue of ideas of Paul Ricoeur and the ideas of Antoine Prost. The intention was thus point out the elements of the thought of Ricoeur and further support the argument that ethics, guided by the choices of the historian in the writing of history.

KEYWORDS: Ethics. Memory. Moral. Narrative. Subjectivity.

⁷⁸ Graduado em História pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Especialista em Educação do Campo pelo Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação- ESAP. Mestrando em História pela UNICENTRO. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes. Orientador: Prof. Dr. Fernando Franco Netto. E-mail: digao_santos9@hotmail.com. Artigo submetido em 28/04/2014 e aceito para publicação em 18/09/2014.

Como a história é, antes de ser uma prática científica, uma prática social ou, mais exatamente, como seu objetivo científico é, também, uma forma de tomar posição e adquirir sentido em determinada sociedade. (PROST, 2008)

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo, apresentar um estudo, através de narrativa, sobre a obra *História, Verdade e Ética*⁷⁹ (BONA, 2012), com ênfase nos aspectos presentes na sua conclusão, apontando a narrativa, a memória e a ética em Paul Ricoeur. Para atingir este objetivo buscaram-se além da referida obra, *História, Verdade e Ética*, pesquisadores com profunda relação com o campo historiográfico. Esta abordagem metodológica justifica-se pela garantia da verdade de uma narrativa historiográfica que é pautar-se no compromisso ético/moral do historiador. Tese defendida pela obra analisada.

Por isso, enfatiza-se Paul Ricoeur, principalmente, sendo sua vivência a *chave* para entendimento de sua obra e das obras que comentam seu pensamento. Paul Ricoeur viveu com o anseio do conflito, da guerra, pacificação que pode ter favorecido para seu pensamento de conciliador de teorias, aparentemente, antagônicas. Paul Ricoeur também contribuiu para o pensamento historiográfico como sujeito ético através dos conceitos de narrativa, memória, objetividade e subjetividade. A narrativa para o autor, nunca deixou de acompanhar a história e esta tem muitos elementos da ficção, mesmo não a sendo. A memória, garantia da história, sendo também guardada pelo documento, e a Subjetividade a construção da Objetividade em História. Portanto, o texto que se segue, aponta as discussões do pensamento de Paul Ricoeur através da obra *História, Verdade e Ética*, destacando a narrativa, memória e a garantia de verdade como um problema ético da História. Estas discussões foram acaloradas e orientadas pela disciplina de Tópicos Especiais: História, verdade e ética do Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

Dialogar em Ricoeur: a recepção de uma obra

A tentativa de compreensão do pensamento ricoeuriano pela obra *História, verdade e ética* deve ser percebido pelo aspecto dialógico de Paul Ricoeur, como a obra sugere (Cf.

⁷⁹ Esta obra é originária de tese apresentada por Aldo Bona ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense -UFF em 2010, intitulada: *Paul Ricoeur e uma epistemologia da história centrada no sujeito*.

BONA, 2012, p. 283). Paul Ricoeur foi o pensador da contradição. Essa afirmação pode ser encontrada nas palavras do filósofo: *“Não só não lamento ter sido confrontado, desde o início do meu itinerário, com interpelações distintas ou até mesmo opostas, como reconheço ainda dever a essa polaridade inicial de influências do dinamismo propulsor de toda a minha obra”* (RICOUER, 1987, p. 1).

Esta mesma compreensão pode ser encontrada também nas palavras de François Dosse (2001, p. 72): *“Privilegiando as mediações imperfeitas, Paul Ricoeur propõe a longa trilha hermenêutica como caminho indispensável da compreensão histórica”*. A perspectiva de Ricoeur pauta-se em promover um diálogo entre as teorias “ditas” como antagônicas ou autores não pertencentes ao mesmo círculo de diálogo, e partir delas promover uma reconciliação. O diálogo tornou-se a sua característica em todas as suas obras, apesar dos variados temas. O método dialógico também se faz presente na tessitura de suas obras, por causa do processo de problematização. Para Ricoeur a interpretação é uma proposição de sentido (Cf. BONA, 2012, p. 284), uma construção de sentido, que não é dado *a priori*, mas fabricado pelo autor e seu leitor. Como se perceberá na seqüência deste texto, tanto o leitor como o autor criam uma narrativa e propõe sentido a ela. O primeiro pela criação e o segundo pelo sentido que dá ao ler a narrativa.

Neste método de dialogar com posições antagônicas, Paul Ricoeur aponta como construtor de seu pensamento a hermenêutica, marcando nisso o problema ético-ontológico-antropológico que esteve presente nas *entre linhas*⁸⁰ de suas obras. A obra do autor é uma hermenêutica, porém a ontologia e a ética, fazem parte de uma forma discreta, sempre ensaiada, mas não desenvolvidas (Cf. BONA, 2012, p. 284). O pensamento de Ricoeur teve como maior importância a teoria do texto, esta teoria que reconhece o papel do autor e do leitor nas proposições de sentido. Para Ricoeur a teoria do texto existe juntamente com a teoria da ação. O ser ao ler o texto do outro promove uma ação de preposição de sentido: *“cujo significado também não pertence mais ao agente”* (BONA, 2012, p. 285). Ou seja, ao se criar um texto esse deixa de ser seu, e passa a ser a interpretação que foi feita dele, ou ainda, as várias interpretações que se têm desse.

Ricoeur em seus escritos também se utilizava da teoria do texto e da ação, este passou a discutir com seus alunos textos à serem publicados, uma forma de antecipar críticas possíveis. Fazendo este procedimento, Ricoeur reconhece a autonomia que tem o texto,

⁸⁰ Na falta de um termo para um melhor entendimento, vinculado ao pensamento de Paul Ricoeur utilizou-se *entre linhas* para enfatizar a preocupação presente em toda sua obra não explicitamente, um pano de fundo, oculto, intrínseco em suas obras.

apontando que o autor já está morto quando a obra torna-se acabada, por não pertencer mais à si, pelo seu não pertencimento. Portanto, se tem a necessidade de fazer uma obra com a maior completude de sentidos, antecipando críticas possíveis, com uma forma mais acabada, mesmo sabendo-se que sempre se terá algo a criticar-se (Cf. BONA, 2012, p. 285).

Neste instante, pode-se fazer um paralelo com Prost (2008)⁸¹. O autor que elabora um manual de escrita da História aponta que: *“tais imperfeições não deixam de existir, inclusive, são inevitáveis; no entanto, tornam-se imperceptíveis no que diz respeito aos ínfimos detalhes ou, então, o historiador consegue ocultá-las ou, ainda, decide assumi-las”* (PROST, 2008, p. 237). Diante disso, tornam-se uma necessidade melhorar as lacunas, as notas de rodapé: *“O pesquisador vai resolvendo, sucessivamente, as lacunas, sempre insatisfeito e cada vez mais consciente de sua ignorância”* (PROST, 2008, p. 237). Porém, é inevitável ter-se alguns defeitos, e as críticas são inevitáveis. Por ventura, o autor não queira receber crítica, deve abdicar de suas produções, não as fazendo.

O leitor ao fazer sua interpretação sobre uma obra, não a fará para buscar o seu sentido original, ou motivação inicial do texto, é uma das interpretações possíveis, em meio à outras, o leitor tem a tarefa de descontextualizar, de trazer para o presente, aplicar a sua realidade (Cf. BONA, 2012, p. 286). Prost (2008) também apresenta a necessidade do leitor, dos destinatários da obra, na complementação do sentido: *“O aparato crítico é, entretanto, menos discriminante do que possa parecer à primeira vista: sua ausência ou sua presença – e sua amplitude – depende, sobretudo, dos destinatários da obra e não de seu autor”* (PROST, 2008, 236). Para Prost a responsabilidade de uma obra não está apenas no autor, mas também nos seus destinatários, pela sua construção de sentido.

A construção de sentido de uma obra também é preocupação de Roger Chartier. Na obra *À beira da falésia* o pesquisador amparado por McKenzie dedica um tópico do capítulo 11- *Bibliografia e história cultura* para demonstrar a construção do sentido de uma obra. Aponta que o texto não possui uma materialidade ou dicotomia entre autor e leitor, sendo construída com estes dois: *“a significação de um texto é sempre uma produção historicamente situada, dependendo das leituras, diferenciadas e plurais, que lhe atribuem sentido”* (CHARTIER, 2002, p. 250). Portanto, toda obra é uma construção que se fará historicamente

⁸¹ A obra de Prost (2008) é um manual de como se escrever História. Segundo o autor, além de Marc Bloch ninguém se atreveu em fazer um material que possa ser utilizado como um aparato para escrever História, com medo das críticas que seriam feitas. A escolha de Prost para dialogar com Ricoeur foi pertinente em virtude deles pertencerem a regiões e temporalidade próximas. Apesar de Prost Historiador e Ricoeur Filósofo.

pautada nas múltiplas interpretações. Pode-se inferir que esta preposição de sentido aponta para que uma obra seja aceita ou refutada em determinados períodos históricos ou discussões.

Retornando a Ricoeur, a história na hermenêutica tem um fator importante, porque ela é um relato mais verdadeiro possível, fidedigno, se comparado à ficção. A História precisa de uma interpretação principalmente, pela sua distância temporal, por esta pendurar-se ao tempo, está sujeita as múltiplas interpretações (BONA, 2012, p. 286). Entretanto, mesmo estando condicionada, a múltiplas interpretações que buscam uma proposição de sentido, entre outras, a hermenêutica defende a criação de sentidos, mas não é qualquer sentido. Este precisa de argumentos, não é um relativismo, existem interpretações mais possíveis que outras, devido aos argumentos que estes são empregados (BONA, 2012, p. 287). Portanto, ao considerar a hermenêutica em Ricoeur: *“todos são agentes na construção do sentido da ação e do sentido da interpretação da ação. Todos têm, portanto, compromisso ético com a verdade do real”* (BONA, 2012, p. 289). O compromisso ético de Bona, pautado na obra de Ricoeur, é do historiador não *mentir* ao escrever sua narrativa, não forjar fontes, ou ocultar objetos ou premissas importantes da análise.

A narrativa em Ricoeur

Quando se apresenta o termo *narrativa* para referir-se a tessitura da História, esta é carregada de significados distintos e de dificuldades de definição. Como qualquer terminologia é ambígua, uma das preocupações que este termo sugere está na dificuldade de caracterizar a História como narrativa. Mas, *“de fato, a história é também um gênero literário”* (PROST, 2008, p. 247). Então, não se pode afirmar num retorno da narrativa, se esta nunca deixou de ser. A preocupação com o retorno ou não da narrativa também é destacada por Chartier (2002, p. 86-87):

A primeira permite considerar como uma questão mal colocada o debate criado em torno do suposto *retorno da narrativa* que, para alguns teria caracterizado a história nestes últimos anos. Como, de fato, poderia haver *retorno* ou reencontro se não houve nem partida nem abandono? A mutação existe, mas é de outra ordem.

Chartier aponta que a preocupação não está no retorno não da narrativa, mas em outros elementos, ou seja, que houve uma mudança no tipo de narrativa, mas esta nunca deixou de ser um gênero literário ou narrativo. Como qualquer objeto a narrativa também

sofreu mudanças, incorporações ou exclusões. Para justificar que a narrativa está presente em todo tipo de história Chartier ampara-se em Paul Ricoeur:

Em *Temps et récit*, Paul Ricoeur mostrou o quanto era ilusória essa cesura proclamada. Com efeito, toda história, mesmo a menos narrativa, mesmo a mais estrutural, é sempre construída a partir das fórmulas que governam a produção das narrativas. As entidades que os historiadores manipulam (sociedade, classes, mentalidades, etc.) são ‘quase-personagens’, dotados implicitamente das propriedades que são aquelas dos heróis singulares e dos indivíduos comuns que compõem as coletividades designadas por essas categorias (CHARTIER, 2002, p. 86).

O pesquisador afirma que a história cria *quase-personagens*. Ou ainda, que o historiador a partir de sua narrativa dá voz aos sujeitos, mesmo que esta narrativa seja pautada em aspectos econômicos, políticos, sociais ou culturais. Outra significância deste termo é a verdade histórica e a verdade narrativa. As duas narrativas, a de ficção e a histórica possuem procedimentos parecidos como a narrativa da vida cotidiana, ou o padrão comum de tecer uma intriga, além da síntese do heterogêneo que deixa uma trama coerente (BONA, 2012, p. 289). O compromisso da verdade entre as duas, a narrativa de ficção e a histórica, pode ser parecido, tendo em vista que ocorre uma aproximação entre elas na simbologia da verdade, a primeira tem o compromisso com a verdade do passado histórico e a segunda com a verdade estética (BONA, 2012, p. 290).

Para Ricoeur outro fator importante é a narrativa da histórica. A história sempre foi narrativa e sempre será. Pode-se utilizar Prost mais uma vez: “*de fato, a história é também um gênero literário*” (PROST, 2008, p. 2417). Portanto, nunca existiu um retorno para a narrativa, como mencionado, porque ela nunca deixou de ser, e como quase todos os gêneros literários, utilizam-se da narrativa, com a História não é diferente. Entretanto, o fato de ser a História narrativa, para Ricoeur, não altera sua cientificidade: “*É pela narrativa que se realiza a descoberta científica do real, [...] dá-se como proposição de sentido e não como descoberta de um sentido desde sempre existente*” (BONA, 2012, p. 291). Como um exemplo prático dado em sala de aula que se situou na seguinte premissa: não se descobriu o sentido da *lua* ou de qualquer objeto, se propôs um sentido, não ocorreu uma descoberta de um sentido original, porque isso não existe, mas se deu um nome, uma invenção que depois se convencionou.

O homem que atribuiu um sentido para um fim didático. Apesar disso, encontra-se outra problemática: “*E como acontece com qualquer classificação ou periodização, o que se*

ganha em termos didáticos perde-se em rigor” (VEIGA-NETO, 2007, p. 35)⁸². Quando se dá um sentido à algo para uma melhor explicação didática, perde-se no rigor teórico porque não se considera as especificidades. A narrativa também é construir a identidade de um sujeito ou de uma comunidade. Nesta construção de identidade do sujeito, Ricoeur aponta a identidade *idem* e *ipse*. A primeira: *“A identidade idem implica a idéia de permanência no tempo a partir de um núcleo constante da personalidade, como por exemplo, o que se costuma denominar o caráter de um sujeito”* (BONA, 2012, p. 263). A segunda: *“A identidade ipse, por sua vez, implica também a idéia de permanência no tempo, porém de forma diferenciada”* (BONA, 2012, p. 263) No entanto, a identidade narrativa é constituída através destas duas proposições, o si - eu só é constituído com o outro.

Outro aspecto considerado no pensamento de Ricoeur quando se apresenta a narrativa é a memória: *“É, portanto, também, uma tarefa ética do historiador o uso correto regulado da memória, evitando e denunciando seus abusos”* (BONA, 2012, p. 292). Ricoeur tem preocupação com a memória porque está pode ocultar fatos, criar outros, e o dever do historiador é filtrar isso. O documento também é um registro memorial, carregado de memória, então a narrativa histórica seria a representação da representação de algo ou um objeto. Entretanto, *“A narrativa histórica seria a crítica que permitiria desmascarar os falsos testemunhos e os demais abusos da memória, uma vez que histórica e memória são parceiras na representação do passado”* (BONA, 2012, p. 224). O historiador tem um dever de buscar a *justa memória*, e dar um sentido a ela.

Ao tecer a narrativa histórica, uma problemática é a história como compreensão. Nesta discussão pode aliar-se além de Ricoeur e Prost (2008), Marc Bloch (2001)⁸³. O historiador Bloch afirma que o historiador não deve fazer um tribunal do passado, promovendo um julgamento: *“O cientista registra, ou melhor, provoca o experimento que, talvez, investirá suas mais caras teorias. [...] o bom juiz, interroga as testemunhas sem outra preocupação senão conhecer os fatos, tais como se deram”* (BLOCH, 2001, p. 125). Prost (2008) também faz uso da mesma premissa de História como compreensão: *“A ação humana é*

⁸² Nesta obra Veiga-Neto (2007, p. 35) propõe uma categorização para o teórico Foucault na utilização no campo educacional. Este propõe a divisão clássica dos “três foucaults”, entretanto em vez afirmar em fases ou eixos, Veiga - Neto sugere a expressão “domínios”. O que nos interessa no momento nesta obra é a colocação de Veiga-Neto sobre a dificuldade de definir um autor ou um pensamento, e que o fato de colocar um rótulo para um melhor entendimento, faz com que não se considere as diferenças ou outras possibilidades.

⁸³ Como Ricoeur, Bloch também viveu as angústias de ser encarcerado e aproveitou deste tempo para dedicar ao Estudo. Entretanto, Bloch não teve a mesma sorte de Ricoeur, este foi fuzilado e deixou esta obra aqui referenciada inacabada.

escolha de um meio em função de um fim: é impossível explicá-la por causas e leis, mas pode ser compreendida” (PROST, 2008, p. 138). Ele ainda dedica um capítulo inteiro⁸⁴ para tratar da compreensão da História. Ricoeur também tem essa preocupação: *“Para Ricoeur, o historiador e o juiz partilham da mesma deontologia profissional que se resume no desejo de adoção de uma postura que evite tanto a complacência como o espírito de vingança”* (BONA, 2012, p. 275). Apesar deste paralelo Paul Ricoeur acredita na diferença entre ambos os processos: o processo criminal do juiz é finito, acaba com uma sentença, enquanto o processo conduzido pelo historiador não acaba com a sentença e está sempre possível de revisão. Os processos do juiz, este que analisa apenas um processo, podem ser matéria-prima para o historiador que analisa vários para a tessitura de seu trabalho. Pode-se ainda, apresentar Foucault⁸⁵, como um pesquisador que corroboram discretamente com a problemática da História como compreensão.

Na narrativa histórica também se deve considerar a objetividade e a subjetividade histórica, principalmente quando se tem uma escrita da história ancorada na memória: *“Sendo a memória uma criação do sujeito, individual ou coletivo, e sendo ela a única garantia de que algo aconteceu no tempo, ela é o substrato para a construção da objetividade histórica, uma objetividade que se faz pelo sujeito que interpreta”* (BONA, 2012, p. 299). Prost igualmente discute a questão da objetividade e subjetividade em História: *“É claro que a história não poderia ser uma ciência em um grau semelhante a da química”* (PROST, 2008, p. 140). Tanto para Ricoeur, como para Prost, a objetividade do Historiador está ancorada em sua subjetividade, nas escolhas do pesquisador, nos anseios individuais: *“A questão do historiador deve situar-se, assim, entre o mais subjetivo e o mais objetivo”* (PROST, 2008, p. 93). Prost apresenta que a diferença da explicação histórica da narração de um homem na rua é a narratividade do historiador juntamente com sua prática social (PROST, 2008, p. 144-145). Para Ricoeur, está ancorada na sua dimensão ética e moral de não falsear com as fontes.

Considerações finais

Para findar este trabalho, torna-se necessário retomarmos alguns aspectos importantes da obra de Paul Ricoeur que foi analisada através da obra *História, verdade e*

⁸⁴ No capítulo VII- A História como compreensão, Prost (2008) apresenta os aspectos que levam o historiador a utilizar a História como compreensão e não como julgamento para buscar a objetividade na História.

⁸⁵ O pesquisador francês aponta que: *“Uma das características da história é a de não escolher: ela se coloca no dever de tudo compreender sem distinção de altura; de tudo aceitar, sem fazer diferença; Nada lhe deve escapar, mas também nada deve ser excluído”*. (FOUCAULT, 2012, p. 77).

Ética. Os principais aspectos abordados pela obra refletem-se a verdade; a narrativa histórica, a objetividade e a ética em Paul Ricoeur. O primeiro aspecto, a verdade, é inatingível como se pode perceber no decorrer deste, e como a obra aqui analisada revelou que a verdade é um compromisso ético do historiador na sua escrita. Antes de qualquer coisa, como a verdade histórica, é a representação do que ocorreu em um determinado período, não se tem uma garantia total de que o passado seja como aconteceu. A história também não tem essa pretensão, pelos códigos da escrita da História, esta apenas tem a garantia do historiador de não falsear. A narrativa histórica também se acentua nesta esteira, com o dilema de ser uma história com um cunho histórico ou ficcional. Os elementos são quase os mesmos, mas com algumas diferenças. O historiador não tem um compromisso com a estética do seu trabalho tal como o romancista, porque ele possui uma estética própria, a escrita do historiador possui uma tessitura específica. Mas sua preocupação maior é com a ética de buscar uma interpretação plausível em argumentos, compromisso com a verdade histórica, passível de ser verificada, até porque o seus pares necessitam disso.

O historiador pode fazer essa história pela memória, mas não é qualquer memória deve ser a *justa memória*, ou seja, a necessidade de buscar nas inferências do seu interlocutor os seus esquecimentos, seus erros e seus acertos. O Historiador tem o dever que filtrar o conteúdo recebido e não apenas agregar novas informações. A objetividade do historiador na escrita de seu trabalho está nessa subjetividade, a História não tem a pretensão de uma cientificidade pautada nas suas datas ou números, ou ainda no concreto das ciências matemáticas. Mas, nas escolhas dos documentos, na escolha da memória, na sua subjetividade boa, no aspecto ético do historiador. Além disso, deve-se levar em conta a teoria do texto e a teoria da ação de Paul Ricoeur. Sendo que todo sentido é proposto, inclusive o sentido de recepção de uma obra. O autor de um texto deve ser considerado morto, e o texto cria formas autônomas de pensamento pelos seus leitores. A ação é promovida não apenas por aquele que escreve, mas por aquele que lê uma obra, criando um novo sentido, entre tantos possíveis, amparados na plausibilidade de seus argumentos. Pode-se perceber que mesmo Ricoeur não buscando criar uma epistemologia da História ou uma Teoria da História, este trouxe elementos importantes para a compreensão da escrita da história, e em muitos momentos resolveu problemas cruciais dos historiadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONA, Aldo Nelson. *História, verdade e ética*: Paul Ricoeur e a epistemologia da história. Guarapuava: UNICENTRO, 2012.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia*: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2002.

DOSSE, François. Paul Ricoeur revoluciona a história. In: _____. *A história à prova do tempo*: da história em migalhas ao resgate do sentido. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Graal, 2012.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RICOEUR, Paul. *Compreensão de si e história*. Tradução de Gonçalo Marcelo. Granada, 1987. Disponível em: <
http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/autocomprehension_et_histoire > Acesso: 28 mar 2014.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.